

Lições da revolta iraniana

É, naturalmente, muito cedo para saber se o grito de raiva do povo iraniano, que alguns chamam de “revolução dos ovos”, terá consequências importantes para a política do regime. Não se sabe se o movimento será capaz de encontrar um segundo impulso quando os pasdarán [guardiões da Revolução] tocaram claramente o fim da partida na última quarta-feira [3 de janeiro]. Considerando o aparato repressivo que os adeptos da linha dura são capazes de implantar, será necessária muita coragem por parte do povo iraniano para continuar a criticar frontalmente o regime.

O dia seguinte das “primaveras árabes” pôs de relevo a capacidade de resistência dos poderes estabelecidos contra os opositores. O Irã não é exceção, muito pelo contrário, e já se observou que o regime usa os mesmos métodos que seus vizinhos para silenciar os “sediciosos”: repressão, divisão da população entre o bem e o mal, acusações de conspiração, etc. Mas a retórica da conspiração é ainda menos convincente no caso iraniano porque é precisamente o Irã periférico, o dos excluídos e dos desfavorecidos, o mesmo que constituiu por um tempo a base popular do regime, que hoje manifesta seu descontentamento.

É isso que preocupa o mais alto nível do regime em questão e o que acontecerá com essa onda de protestos. Se você pegou todo mundo de surpresa, o que é mais extraordinário, na realidade, é que ele não se manifestou antes. Como pode um poder político tão fracassado sobreviver tanto tempo sem ser respondido por sua base? Como um discurso que busca defender os oprimidos em toda a região pode ser ouvido quando sai da boca de líderes políticos que mal se importam com sua própria população?

Os outros líderes da região deveriam examinar de perto a evolução da situação iraniana, porque seus respectivos povos poderiam, de um dia para o outro, ficar zangados (novamente)

pelas mesmas razões que os iranianos. Como a República Islâmica, a maioria dos países da região é caracterizada por seu autoritarismo e má governança, muitas vezes ao mesmo tempo. Se o primeiro é o mais visível e o mais sujeito a críticas, o segundo é, sem dúvida, o que mais pode fragilizar esses poderes em questão. Corrupção, o acúmulo de recursos por uma minoria – o Oriente Médio é a região mais desigual do mundo, segundo o Registro Mundial de Desigualdade de 2018 – a falta de perspectivas econômicas é escandalosa na maioria dos países da região.

Como os árabes há sete anos, os iranianos hoje exigem mais justiça social contra regimes que poderiam ser descritos como plutocráticos. As reivindicações dos árabes não foram ouvidas, e há poucas chances de que os iranianos sejam ouvidos mais. Mas essa raiva popular, expressa ou sufocada, deve continuar nos dois casos, causando uma ameaça permanente aos poderes estabelecidos. Para não mencionar a Síria, o Iraque ou o Iêmen, que estão em uma situação ainda mais crítica, no Egito muito em breve poderia ser revivido um cenário para o iraniano.

Que a República Islâmica é respondida no exato momento em que um novo império regional é sonhado fornece material para reflexão a mais de um. Os discursos triunfalistas de toda a sua classe política e seus servidores não são suficientes para esconder os defeitos de sua própria sociedade. Em uma região que fala apenas de geopolítica de manhã à noite, muitas vezes, a propósito, sem entender muito, os iranianos se lembram de uma lição essencial: quando a base não é sólida, é muito arriscado querer estender-se a tudo custa suas ramificações. A menos que isso seja feito, é claro, com seus riscos e perigos.

Original: [L'Obs](#)